

MANIFESTAÇÕES DISENTÉRICAS EM CRIANÇAS PEQUENAS DURANTE O TRATAMENTO DA DOENÇA MENINGOCÓCICA COM AMPICILINA*

LEDICE INÁCIA DE ARAUJO** MARIA APARECIDA MUNIZ
CAVALCANTE*** ANNE LUCIONE DE MELO**** AMINADAB
RODRIGUES RODARTE***** JOAQUIM CAETANO DE
ALMEIDA NETTO*****

RESUMO

Manifestações disentéricas ocorreram em 235, dentre 440 crianças (53,4%), menores de dois anos na vigência do tratamento da Doença Meningocócica com Ampicilina. Nas coproculturas de 113 destas, as bactérias mais frequentemente isoladas foram *Escherichia coli* (45,3%) *Proteus mirabilis* (24,5%) e *Klebsiella* (17,6%). O coeficiente de letalidade e o tempo médio de internação foram respectivamente 22,7% e 22 dias nas crianças com diarreia, contra 11,8% e 13 dias nas que não apresentavam esta complicação.

Com base na sua ocorrência durante o tratamento, na identificação de

bactérias normalmente desprovidas de enteropatogenicidade, bem como no alto percentual de resistência à Ampicilina, os autores atribuem as manifestações disentéricas às alterações da flora intestinal decorrentes do uso desta penicilina em dose elevada e ressaltam a sua importância em relação ao prognóstico e ao tempo de internação.

INTRODUÇÃO

As alterações da flora corporal constituem um sério óbice à antibioticoterapia maciça necessária no tratamento das infecções bacterianas de grande risco. As crianças pequenas são particular-

* Trabalho dos Departamentos de Medicina Tropical (Disciplina Doenças Infecciosas Hospital "Oswaldo Cruz") e Microbiologia do Instituto de Patologia Tropical da UFGo.

** Residente do Departamento de Medicina Tropical.

*** Prof. Assistente do Depto. de Microbiologia.

**** Biologista do Departamento de Microbiologia.

***** Enfermeira Chefe do Hospital

***** Prof. Adjunto chefe da disciplina e Diretor do Hospital.

mente sensíveis a estas alterações que se manifestam principalmente ao nível do tracto digestivo. Apesar de sua importância este aspecto de antibioticoterapia tem sido pouco ressaltado, principalmente no tocante às betalactâmicas (1, 4, 5, 6 e 7).

O presente comunicado se refere a ocorrência de manifestações diarréicas, seu estudo bacteriológico e implicações clínicas em crianças abaixo de 2 anos, na vigência do tratamento da meningite meningocócica com ampicilina.

MATERIAL E MÉTODO

Em 440 prontuários de pacientes de até dois anos de idade com doença Meningocócica tratados com Ampicilina por via endovenosa no "Hospital Oswaldo Cruz" de Goiânia, no período 1973-1974, foram levantadas os seguintes dados:

1. Ocorrência de manifestações diarréicas e suas características clínicas.
2. Tempo de internação e coeficiente de letalidade nos grupos com e sem diarréia.
3. Bactérias isoladas em coprocultura de 113 pacientes com diarréia iniciada durante o tratamento bem como sua sensibilidade "in vitro" a Ampicilina, Cefalotina, Gentamicina e Kanamicina.

RESULTADOS

Das 440 crianças estudadas, 246 apresentaram manifestações

diarréicas (59,9%) sendo que em 235 destas (53,4%) o quadro intestinal iniciou-se durante o tratamento.

Nestas 235 crianças, emissões frequentes de fezes líquidas sem muco ou sangue foram observadas em 181 delas (34,4%), com muco e/ou sangue caracterizando quadro disentérico em 147 (62,5%) e em 7 prontuários não haviam dados relativos as características das fezes.

As manifestações intestinais ocorreram, as mais das vezes, até o 5º dia do início do tratamento e em 186 casos (19,1%) durou mais de 1 semana.

A tabela I mostra que das bactérias isoladas, a *Escherichia coli* foi a mais frequente, seguida pelo *Proteus mirabilis* e *Klebsiella*. Outras enterobactérias como *Proteus vulgaris*, *Citrobacter*, *Proteus rettgeri*, *Salmonellas*, *Pseudomonas* e *Proteus morgani* ocorreram em muito menos frequência.

Na Tabela II observamos que o teste de sensibilidade in vitro mostrou uma alta ocorrência de resistência à Ampicilina, dentre as bactérias mais frequentemente isoladas. Resistência a Gentamicina, Kanamicina e Cefalotina foi bem menos frequente.

A presença de diarréia (Tabela II) agravou o prognóstico vez que o coeficiente de letalidade no grupo com manifestações entéricas foi de 22,7% contra 11,8% no grupo sem esta complicação. Ressalta ainda, na mesma tabela, que o tempo médio de internação foi de 22 dias nas crianças do 1º grupo e de 13 nas do 2º.

TABELA I

BACTÉRIAS ISOLADAS DAS FEZES DE 113 PACIENTES COM DIARRÉIA DURANTE O TRATAMENTO DA DOENÇA MENINGOCÓCICA COM AMPICILINA

ESPÉCIE	N.º	%
<i>E. coli</i>	72	45,28
<i>P. mirabilis</i>	39	24,52
<i>Klebsiella</i>	28	17,61
<i>Shigella</i>	5	3,14
<i>P. vulgaris</i>	4	2,52
<i>Citrobacter</i>	3	1,89
<i>P. rettgeri</i>	2	1,26
<i>Salmonella</i>	2	1,26
<i>Pseudomona</i>	2	1,26
<i>P. morgani</i>	2	1,26
TOTAIS	159	100,00

COMENTARIOS

Um dos maiores inconvenientes do uso de antibióticos decorre de sua ação sobre a flora corporal destruindo grande parte de seus constituintes, rompendo consequentemente o seu equilíbrio biológico (3). A Ampicilina provoca alterações importantes na flora bacteriana dos colons eliminando os lactobacilos aeróbios e anaeróbios, os enterococos e clostrídeos ao lado de uma diminuição das enterobactérias sensíveis e aumento dos microorganismos resistentes a esta penicilina (2).

As nossas observações bem demonstram a importância das manifestações disentéricas como

complicação do tratamento etiológico das infecções bacterianas nesta faixa etária, pois a sua ocorrência praticamente duplicou o coeficiente de letalidade e o tempo de internação.

Por outro lado, seu aparecimento no transcurso da antibioticoterapia bem como a identificação quase que exclusiva de bactérias normalmente destituídas de enteropatogenicidade ao lado do alto percentual de resistência à Ampicilina, indicam que o fenômeno decorre, pelo menos em parte, do desequilíbrio na flora intestinal pelo emprego desta penicilina em doses maciças mediante seleção natural dos constituintes menos sensíveis.

TABELA II

RESISTÊNCIA BACTERIANA EM AMOSTRAS ISOLADAS DE
COPROCULTURAS DE PACIENTES COM DIARRÉIA, DURANTE O
TRATAMENTO DA DOENÇA MENINGOCÓCICA COM AMPICILINA

BACTÉRIAS TESTADAS	AMPICILINA			CEFALOTINA			GENTAMICINA			KANAMICINA		
	Nº. amost.	Res.	%	Nº. amost.	Res.	%	Nº. amost.	Res.	%	Nº. amost.	Res.	%
E. coli	72	25	34,7	66	11	16,7	58	14	24,1	56	13	23,2
P. mirabilis	39	17	43,7	31	11	33,3	29	9	33,3	29	4	13,8
Klebsiela	28	17	60,7	21	4	19,1	23	9	39,1	22	5	22,7

TABELA III

COMPARAÇÃO DO COEFICIENTE DE LETALIDADE E TEMPO DE INTERNAÇÃO EM CRIANÇAS COM E SEM DIARRÉIA DURANTE O TRATAMENTO DA DOENÇA MENINGOCÓCICA COM AMPICILINA

CASOS	N.º	%	ÓBITOS	%	T.M.I.*
Com diarréia	246	55,91	56	22,76	22
Sem diarréia	194	44,09	22	11,34	13
TOTAIS	440	100,00	78	17,73	17,5

* — T.M.I. — TEMPO MÉDIO DE INTERNAÇÃO

SUMMARY

DYSENTERIC MANIFESTATIONS IN CHILDREN DURING THE TREATMENT OF MENINGOCOCCAL DISEASE WITH AMPICILLIN

During the treatment of Meningococcal disease with ampicillin in 440 children younger than 2 years there was dysenteric manifestations in 235 (53,4%). In 113 stool cultures of this group the bacteris more frequently isolated were: *E. coli* (45,3%), *P. mirabilis* (25,5%) an *Klebsiella* (17,6%). The letality rate was 22,7% and the internment average time was 22 days in the children with diarrhea. But these were 11,3% and 13 days respectively in the group without this complication. So the presence of dysenteric manifestations during the treatment, the isolation of bacteris normally without Gastrointestinal tract pathogenicity and the high resistance rate to ampicillin, were attributed to the elevated doses of this antibiotic.

The authors show its importance to the prognostic and to the internment time.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEAR, D. M.; TURCK, M. e PETERSDORF, R. G: Ampicilina. Eficácia dos agentes antimicrobianos e antifúngicos. *Med. N. Amer.* 1135 — 49, set., 1970.
2. BRITO, T. — in LACAZ, C.S. — Antibióticos. 26:266. Ed. Edgard Brucher Ltda. — 1975.
3. KNOTHE H. and LEMBEKE U. — The effect of Ampicillin and Pivanpicillin the man. *Zentralbe Bakteriol.* 223: 324-32, mar. 73.
4. SASLAW, S. — Cefalosporinas. Eficácia dos agentes antimicrobianos e antifúngicos. *Cl. Med. N. Amer.* 1207-18, set, 1970.
5. SCHECKLER, W. E. and SENNETT, J. U.: antibiotic usage in seven community Hospitals. *J. Amer. Med. Ass.* 213: 264-267, july, 1970.
6. RESZTAK, K. E. and WILLIMS, R. B.: a review of antibiotic therapy in patients with systemic infections. *Amer. J. Hosp. Pharm.* 29: 935-941, nov. 1972.
7. VAN OMMEN, RAY A. Untoward Effects of Antimicrobial Agents on Major Organ Systems — Symposium on Infectuous Diseases. *The Med. Cl. N. Amer.* 58:3, 465-78, may, 1974.